

O tempo e o vento: a acolhida das temporalidades subjetivas na clínica

Flávia Bernardi¹

No presente ensaio, proponho a análise de dois capítulos da obra *O tempo e o vento*, do escritor Erico Verissimo: “O sobrado I” e “O sobrado II”, a partir da perspectiva teórica de Sigmund Freud e seu texto “Sobre a transitoriedade”. O objetivo é pensar o tempo de uma forma diferente do linear para acolher, na escuta psicanalítica, as diferentes temporalidades expressas pelos sujeitos. Para tanto, os principais conceitos a serem desenvolvidos serão transitoriedade, temporalidade, singularidade e escuta.

Erico Verissimo é um respeitado escritor gaúcho que, junto com outros nomes importantes de sua geração, como Manuel Bandeira e Graciliano Ramos, teve grande destaque na literatura brasileira. A famosa trilogia, *O tempo e o vento*, é dividida em três partes: “O continente” (1949), “O retrato” (1951) e “O arquipélago” (1962) e conta histórias e acontecimentos grandiosos que, entrelaçados, vão narrando 200 anos do processo de formação do estado do Rio Grande do Sul.

A primeira parte da trilogia, intitulada “O continente”, conta o nascimento do Estado através das famílias Terra, Caré, Cambará e Amaral e contém os dois episódios utilizados neste trabalho. Verissimo foi magistral ao incluir na sua pesquisa histórica (sobre os fatos reais ocorridos no período) personagens fictícios que emprestam seus mundos psíquicos para, entrelaçados com o passar do tempo, compor a sua narrativa. Os dois episódios escolhidos são, de certa forma, um re-

¹ Psicanalista, membro Efetivo do CEPdePA.

sumo da obra toda, apesar de estarem no primeiro volume: trazem elementos do passado para o momento presente, através de reminiscências dos moradores do casarão, que estão ali presos por conta da Revolução Federalista de 1895.

Em apenas quatro páginas, Sigmund Freud também fala da natureza e da passagem do tempo no seu texto “Sobre a transitoriedade”, lançado em 1916, um dos textos mais poéticos produzidos por ele no decorrer de sua vasta obra, em que faz alusão ao tempo e à finitude das coisas.

Aproximar Verissimo de Freud, para aqueles que são atraídos pela beleza da escrita, é motivo de festa; ter como palco desse encontro a revista comemorativa aos 35 anos de uma instituição que promove o exercício e a transmissão da psicanálise, CEPdePA, é motivo de orgulho; pensar o tempo e a transitoriedade sob a luz desses dois apaixonados pela literatura é, no meu entendimento, uma oportunidade de contribuir com a vocação analítica desse prestigiado grupo, a partir de um tema relevante na contemporaneidade, época tão marcada pela velocidade.

O tempo cronológico deriva de Chronos, o deus do tempo, que, na mitologia, engolia os filhos quando nasciam, pelo medo de ter o trono roubado por eles. A analogia permanece válida, uma vez que a noção da passagem veloz das horas nos dá ainda a ideia de voracidade. As angústias e temores gerados pela passagem do tempo, comumente escutadas, parecem ligadas ao temor do sujeito de ser engolido pela morte, de ter seu tempo ceifado... Num movimento de reparação, tenta parar a ampulheta correndo velozmente e fazendo mil coisas ao mesmo tempo. Assim, acaba sem tempo para quase nada, tampouco vendo o tempo passar. Ainda hoje parece se querer fugir de Chronos, tentando evitar que ele, feroz e cruelmente, engula o tempo que resta.

Tempo cronológico, em sua forma linear e histórica; tempo circular, no imaginário do Eterno Retorno, das repetições... São várias as formas de tentar nomear e pensar o tempo, bem como sua ação sobre o sujeito. É sabido que a passagem do tempo promove modificação, mudança e evidencia a finitude. Não apenas a vida acaba, mas também se acabam os ciclos, as fases, os bons momentos e as dores: de um jeito ou de outro, tudo tem um fim. Muito poderia ser falado a respeito de cada um desses tempos, porém, pretende-se focar nas temporalidades, ou seja, nas experiências de tempo vividas singularmente por cada um, que irão

modular a atenção dada a cada acontecimento, ou seja, quanto maior a carga de emoção de algo vivenciado, também essa lembrança será mais duradoura.

Aí entra a obra de Erico Verissimo, eleita para ilustrar este trabalho, que, com seu brilhante estilo narrativo, vai marcando o tempo na passagem dos fatos e dando a clara ideia de que os acontecimentos, apesar de transitórios, ficam marcados a ferro e fogo: assim como o vento é invisível, mas tem sua existência e passagem confirmadas através de seus sons, seus sinais e seus efeitos, também o filogenético de Freud (essa espécie de herança psíquica, relacionada às fantasias originárias) é “ventilado” através das gerações familiares, tendo seus efeitos comprovados nas atitudes e vivências de cada um.

Freud pensou na passagem do tempo e na transitoriedade; Verissimo aludiu ao vento a responsabilidade de soprar os dias e fazer a história ter movimento. Em “Sobre a transitoriedade”, Freud (1916) destaca o fato de que o valor dado a determinada coisa não pode abrandar em virtude desta ser transitória: mesmo o que é passageiro provoca marcas, profundas ou não, no aparelho psíquico do sujeito. O texto remete à natureza, com suas flores e estações que são finitas, mas que também deixam, a partir da sua existência, a ideia (e a espera) de um retorno: se existiu uma vez, poderá existir novamente! Por sua vez, Verissimo (2012, p. 41) ilustra:

D. Bibiana se balança na sua cadeira. Há momentos em que não se lembra de nada. Na sua cabeça há apenas uma cereção. Ouve ruídos, vozes, engole os mingaus que lhe dão, deixa-se levar para a cama - mas às vezes não sabe quem é nem onde está. Noutros momentos, porém, volta-lhe tudo.

As marcas dos acontecimentos, mesmo antigos, seguem figurando na realidade psíquica. Considerando a ação da passagem do tempo cronológico, que age realmente sobre o físico e altera suas funções, traz-se à luz da análise a conhecida personagem da obra de Verissimo, Bibiana Terra, que, num lembra-e-esquece de suas vivências amorosas com o lendário Capitão Rodrigo, nesse trecho do livro, também encontra, na nebulosa consciência, uma forma de proteção: já que a transitoriedade só existe quando temos consciência das coisas. Lembrar do que

foi vivido tanto pode acalmar quanto agitar: por um lado, aplaca a saudade e encoraja diante dos momentos atuais, mas, por outro lado, revela a falta sentida, trazendo a dor da perda e a certeza da finitude.

Algo inconsciente pode tornar-se consciente e reatualizar-se no tempo presente:

Os processos do sistema Ics são atemporais; isto é, não são ordenados temporalmente, não se alteram com a passagem do tempo; não têm absolutamente qualquer referência ao tempo. A referência ao tempo vincula-se, mais uma vez, ao trabalho do sistema Cs (FREUD, 1915, p. 214).

Freud (1915) revelou a existência de um inconsciente que transcende o tempo vivido, que tem um tempo próprio que não é o atual. Um inconsciente que pulsa, que quer aparecer, mas só se presentifica quando os sintomas, os atos falhos ou os sonhos lhe permitem, isto é, quando passam pela censura e pelo recalque. Ele apresenta uma subjetividade psíquica marcada por diferenças temporais, nessa sua teoria pensada em pares que articulam consciência e inconsciência, vida e morte, prazer e desprazer, continuidade e descontinuidade, entre outros.

Em *A nau do tempo-rei - 7 ensaios sobre o tempo da loucura*, Peter Pál Pelbart, filósofo e pensador húngaro, residente em São Paulo, fala sobre o tempo, trazendo uma ideia de temporalidades diversas. Em meio às suas interessantes contribuições para pensar o tempo, mesmo que, neste trabalho, Pelbart (1993, p. 53) se debruce sobre a loucura, despretensiosamente ele parece fazer uma linda descrição dos sistemas inconsciente-consciente:

Como se esse invisível fosse essa camada que envolve e permeia as coisas, ou as duplica, ou que lhes dá espessura, ou leveza, ou peso, ou as torna relevantes, miraculosas, fantásticas, inéditas, mágicas, brutas, inertes [...] Sim, uma camada intensiva, que tem a ver com as imagens mas não deriva delas, que tem a ver com a linguagem mas não deriva dela.

A não alternância das marcas psíquicas e a presentificação destas quando são reeditadas, trazem à tona a ideia de continuidade. Mesmo que passe o tempo, mesmo que se sobreponham folhas e folhas em um calendário... uma vez marcado, aquilo não tem mais data de nascença e nem de validade: segue intenso.

Voltemos a *O tempo e o vento*: “Mas Liroca não podia esquecer que aquele mesmo sino dobrara a finados no dia do enterro de sua mãe. Era por isso que desde então passara a ligar suas badaladas à ideia de morte.” (VERISSIMO, 2012, p. 27).

Talvez o personagem Liroca tenha se esquecido desse dia, talvez o toque do sino desperte a lembrança ou apenas produza uma sensação estranha... o tempo vai passando e encontrando formas de acomodar as coisas dentro do mundo psíquico. Liroca, se estivesse em análise, poderia falar sobre o sino, talvez de um sino estático na torre da igreja. Mas o sino que silencia não significa que não fez barulho um dia! A passagem do tempo congelou as badaladas sombrias que o sino dobrou quando a mãe era enterrada. Uma modificação da consciência do sujeito acerca da sua própria realidade psíquica, surgida na transitoriedade. Paralisar o “sino” seria uma tentativa de minimizar a intensidade interna que o som produz, libertando a consciência para iluminar e engrandecer outros objetos que podem ser usufruídos para novas investidas da libido. Ainda segundo Freud (1916, p. 347):

Creio que aqueles que pensam assim, de que parecem prontos a aceitar uma renúncia permanente porque o que era precioso revelou não ser duradouro, encontram-se simplesmente num estado de luto pelo que se perdeu. [...] Quando renunciou a tudo que foi perdido, então consumiu-se a si próprio, e nossa libido fica mais uma vez livre (enquanto ainda formos jovens e ativos) para substituir os objetos perdidos por novos igualmente, ou ainda mais, preciosos.

A mesma temporalidade que silencia sinos para que o sujeito viva melhor é aquela que evidencia o fim das coisas: admitir o transitório seria admitir a finitude. A partir do discurso, daquilo que pode ser posto em palavras, o sujeito

dará um novo destino às marcas inscritas, bem como será a partir desse mesmo discurso que o analista poderá compreender os signos singulares proferidos por cada um. Na clínica, o tempo é um aliado, já que permite que se crie, entre a dupla, um vocabulário próprio que colabora para a descoberta de um somatório de marcas que, rearranjadas no mundo psíquico, vão produzindo novos e novos sentidos, traduzindo significados, encontrando formas de se fazer compreender.

Pelbart (1993, p. 53) novamente contribui sobre as diferentes temporalidades que se pode experienciar:

Assim como o relógio configura uma imagem do tempo mas não é o tempo, e mesmo a pintura de um relógio derretido, escoando, ainda é insuficiente para roçar esse invisível maior que é o Tempo, e que às vezes um anjo de Wenders ou um fragmento de Blanchot ou uma sonata em Proust evocam mais de perto.

Nessa atemporalidade dos processos do inconsciente descrita por Freud, também os símbolos derivados das marcas impressas no psiquismo misturam-se, camuflam-se e distorcem-se. Os discursos expressados no *setting* narram situações para que conteúdos surjam e possam ser trabalhados. Aqui o texto de Verissimo, mais uma vez, faz-se aliado para aproximar a teoria da realidade que se apresenta na clínica: “Dez passos até a igreja. Mas quantos passos até a morte?” (VERISSIMO, 2012, p. 21).

Essa é a pergunta que o personagem Liroca faz a si mesmo, ante a necessidade de atravessar a praça, em meio à guerra estabelecida por lá, para ocupar seu lugar de vigia na torre da igreja. A relatividade dos passos, que tanto podem conduzir à vida como à morte, remete à ideia das particularidades da linguagem de cada um e fazem referência ao momento único da sua vivência: dependendo da história do sujeito, a direção das passadas terá um significado próprio. A escuta analítica impõe-se como fundamental para compreender os “passos” da vida do sujeito, traduzindo suas cenas e compreendendo se esses (passos) são em direção à vida ou à morte.

Para Freud (1915), a atenção flutuante do analista somada à associação livre seria a garantia de que, num ambiente de análise, o mundo psíquico pudesse ser

escutado e traduzido: onde a comunicação entre os inconscientes de ambos ficaria facilitada.

Considerar o transitório também é enlaçar com a esperança da mudança, dos novos dias que chegarão aplacando aqueles que não são de todo fáceis, porque, assim como há flores que não se quer que morram jamais, tal qual narra Freud, também poderão existir espinhos que, torce-se para que o tempo leve e cicatrize:

Perturbava-o o pensamento de que toda aquela beleza estava fadada à extinção, de que desapareceria quando sobreviesse o inverno, como toda a beleza humana e toda a beleza e esplendor que os homens criaram ou poderão criar. Tudo aquilo que, em outra circunstância, ele teria amado e admirado, pareceu-lhe despojado de seu valor por estar fadado à transitoriedade (FREUD, 1916, p. 345).

No texto de Erico Verissimo, em que a guerra externa é real e aprisiona de fato os personagens, quer dentro do famoso Casarão, quer na espreita dos arredores da pequena cidade, pensar na transitoriedade é a forma de suportarem a dor do presente. Nesse trecho, o personagem Licurgo, aprisionado também na dor silenciosa da decisão de seguir com a guerra, apesar da esposa, prestes a dar à luz, que carece de cuidados básicos e corre risco de vida, pensa:

Se ela nascer de madrugada, há de se chamar Aurora. Aurora Cambará. [...] Licurgo imagina-se com a filha nos braços, sente-lhe o cheiro de leite e cueiros molhados. A revolução terminou, as janelas do Sobrado estão escancaradas e lá fora é primavera. Aurora... Uma linda menina (VERISSIMO, 2012, p.33).

Imaginar que um período ruim chegará ao fim, que a aurora surgirá quando a escuridão (do desconhecimento e do temor) passar ou quando uma nova possibilidade de vida nascer, só será possível se existir internamente espaço para a efemeridade e se essa inscrição tiver, de fato, feito uma marca. Freud nos sugere que as saídas que o sujeito encontrará para lidar com as adversidades decorrentes

da finitude (e, conseqüentemente, da castração) dependerão dessa singularidade do trânsito psíquico de cada um.

Às voltas com o *Tempo e o vento*, novamente surge o personagem Licurgo, neto de Capitão Rodrigo e Bibiana - que, quase centenária, segue acompanhando todos os movimentos no casarão. Em mais este trecho, narrando as angústias do embate interno de Licurgo entre sucumbir aos apelos para que finde a batalha, o sofrimento, a sede e a fome de todos que estão ali trancafiados e a ideia de manter vivas as tradições familiares de luta e coragem, bem como manter os propósitos políticos da revolução, pode-se pensar na mobilidade do tempo mesmo frente à imobilidade do sujeito:

A qualquer momento algo de importante tem de acontecer. O nascimento da filha... Um toque de clarim anunciando que os republicanos se aproximam da cidade... Ou então um novo tiroteio. É preciso que aconteça alguma coisa que lhe exija uma ação imediata, porque ele simplesmente não pode agüentar mais essa imobilidade, esta quietude. Os gemidos da Alice também parecem fazer parte do silêncio: são como certas vozes que nos sonhos a gente mais vê do que ouve (VERISSIMO, 2012, p. 96).

A passagem do tempo também pode auxiliar que a dificuldade ou estagnação do momento seja transpassado. Claro que apenas a passagem do tempo não é garantia de nada, visto que as impossibilidades, as inibições e os sintomas presentes na vida dos sujeitos estão muito além disso. Mas talvez seja justamente no desejo que o tempo passe e que aquilo se modifique, muito mais que o simples andar do tempo, o que faça com que o sujeito busque ajuda para descobrir o que acontece consigo mesmo.

Se, de um lado, tem o movimento das pulsões que mantém vivo o trabalho psíquico e seu dinamismo, garantindo a vida do aparelho, também tem o movimento externo do sujeito que, deitando no divã para pensar suas coisas, possibilita que seu inconsciente surja e seja compreendido, ressignificado, traduzido... Aquietar o psiquismo tem muito mais a ver com a elaboração do que com o silêncio: geralmente os conteúdos pulsionais desligados, silenciosamente, são os

que mais lesam, já que, como é sabido, a energia da pulsão, quando livre, está no inconsciente, pressionando-o em direção à descarga. No texto *Além do princípio do prazer*, Freud (1920) vai propor que a pulsão repetitiva e a compulsão à repetição estariam entre os traços mais primitivos da natureza do pulsional.

Pelbart, no capítulo homônimo ao título do livro anteriormente referido, faz uso de parte do belo conto de Cortázar, “O perseguidor” (publicado originalmente em 1959, na coletânea *As armas secretas*) para seguir pensando o tempo. O personagem saxofonista diz:

Isto do tempo é complicado, agarra-me por todos os lados. Começo a perceber pouco a pouco que o tempo não é como um saco que nós enchemos. Quero dizer que, mesmo que o recheio mude, na bolsa só cabe uma certa quantidade, e acabou-se. Vês a minha mala, Bruno? Cabem dois fatos e dois pares de sapato. Bom, agora imagina que a despejas e depois vais pôr de novo os dois fatos e os dois pares de sapatos, e então percebes que só cabe um fato e um par de sapatos. Mas o melhor não é isso. O melhor é quando percebes que podes meter uma loja inteira na mala, centos e centos de fatos, como eu meto a música no tempo, como às vezes quando estou a tocar (PELBART, 1993, p. 41).

Se a concepção de tempo linear, cronológico, não existe dentro do psiquismo, a relação com o tempo também se organizará de outras formas no universo psíquico. Assim, pode-se pensar como se dá a prática clínica numa escuta que tem um tempo pautando a sessão e, sendo assim, limitando/ controlando o tempo para o inconsciente se revelar. Se a temporalidade, a experiência do tempo, é singular, esse tempo que se organiza de forma hegemônica, ditado pelo ritmo da sociedade urbana e seus relógios, seria um dificultador? E a diminuição atual na frequência das sessões (que vai na contramão do que foi inicialmente instituído por Freud) dificultaria o tempo para o inconsciente aparecer? Como essa forma de funcionamento, tracejada pelo tempo cronológico, poderia acolher a diversidade temporal das narrativas de cada um sem desrespeitar o inconsciente que

aparece sem marcar hora? Como medir o tempo de uma análise ou de uma sessão sem deixar de considerar essa lógica tão particular do funcionamento temporal de cada um? Como considerar oportunidades singulares que não fiquem encarceradas em movimentos defensivos que convenham para todos?

Ao analista cabe ser continente e discriminar o que o paciente traz: as resistências, as transferências e o que está sendo posto em movimento na cena analítica. Cabe tentar entender como o sujeito conta o tempo e o quanto isso influencia a forma como ele compreende (ou não compreende) a vida. O que o sujeito fará com sua ideia de tempo, com as bagagens acumuladas ao longo desse tempo cronológico, é definido pelas saídas propostas (e encontradas) pela ampliação e complexização do seu mundo psíquico.

É um percurso complexo, durante o qual a sensibilidade de acolher as temporalidades que o paciente indica é a chave-mestra para que a transferência possa ser trabalhada. Mais uma vez, aqui se pode citar o tempo como aliado, fortalecendo ainda mais as sólidas bases da psicanálise (propostas iniciais e irrevogáveis de Freud) que devem nortear as instituições de ensino: florescendo estudo profundo e contínuo, a análise pessoal dos analistas e oferecendo, como sustentação, o auxílio supervisivo para o árduo trabalho de analisar. Aos 35 anos, idade do homenageado CEPdePA, tronco e galhos potentes seguem gerando flores e frutos... Geram sementes igualmente sólidas para fazer brotar o CEPserra que, aos oito anos de idade (desde sua oficialização e criação da primeira sede, já que há tempos vinha sendo gestado!), também cresce firme e floresce.

Neste ensaio, que teve como intuito abordar o trabalho de Erico Verissimo, tendo por suporte a psicanálise, pode-se ressaltar que a memória, a historicidade e a transitoriedade são elementos cruciais para o estabelecimento de sua poética: da mesma forma que tais elementos são imprescindíveis para a escuta do sujeito em análise. Licurgos, Bibianas e Lirocas, personagens da literatura ou do mundo real, todos trarão suas histórias... estas, geralmente enevoadas pelas dores do viver, exigirão uma escuta diferenciada e atemporal - no sentido de poder encaixar os elementos atuais em fatos passados, respeitando a lógica recebida no universo psíquico particular de cada um - para que as histórias possam surgir. Freud, no referido texto, dá-se conta:

Meu fracasso levou-me a inferir que algum fator emocional poderoso se achava em ação, perturbando-lhes o discernimento, e acreditei, depois, ter descoberto o que era. O que lhes estragou a fruição da beleza deve ter sido uma revolta em suas mentes contra o luto (FREUD, 1916, p. 346).

Encontrar um sentido àquilo que cega o sujeito de entender o que de fato acontece com ele foi o grande objetivo de Freud com a psicanálise, que desejava compreender os processos inconscientes e formar uma teoria que explicasse os fenômenos oriundos desses. Freud não temia o tempo, pelo contrário, ele contou com o tempo para dar forma e amadurecer seus pensamentos, para torná-los claros, para serem escritos e organizados teoricamente e serem aplicados na sua prática clínica. Ele considerou o latejo do inconsciente que, através de uma abertura, revelaria os chistes, sonhos, atos falhos ou escapes, evidenciando a necessidade de um tempo para tudo isso ser compreendido. Porque o tempo pode trazer com ele o entendimento e a elaboração e o vento pode levar para longe da rota da repetição aquilo que não precisa mais aparecer em nenhuma outra estação... e não porque não existirá mais inverno ou verão, mas porque a ação do tempo, com sua maturidade majestosa, pode bem selecionar as flores e os frutos necessários para passar-se bem em cada estação.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. (1915). O inconsciente. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1975. (Edição standard brasileira, 14).

FREUD, S. (1916). Sobre a transitoriedade. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1975. (Edição standard brasileira, 14).

FREUD, S. (1920). Além do princípio do prazer. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira, 18).

PELBART, P. P. **A nau do tempo-rei**: 7 ensaios sobre o tempo da loucura. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

VERISSIMO, E. **O tempo e o vento**: o continente: v. 1. São Paulo: Schwarcz, 2012.